

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

CARTAS DE LEITE DE VASCONCELOS A MARTINS SARMENTO.

(sem indicação de autor)

Ano: 1955 | Número: 65

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães*, 65 (3-4) Jul.-Dez. 1955, p. 235-271.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmiento

(Continuação da pág. 40)

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or}

Descanse V. Ex.^a que à pedra não sucede mal. Efectivamente muita coisa se tem perdido cá em Lisboa, mas nem tudo se perde. Ainda há tempos fui dar com um caixote de moedas romanas num canto de um estabelecimento público (moedas achadas nas ruínas de Cetóbriga), e já hoje tive o gosto de as fazer remover para a Biblioteca. O meu desejo, e não é só o meu, era organizar um grande Museu Nacional de etnografia⁽¹⁸¹⁾, coordenando lá tudo o que está disperso por vários museus da capital — isto, já se vê, sem afronta aos museus provinciais, que convém manter.

Tratarei de indagar o que puder acerca dos mss. da Colegiada. O tal achado em que me fala é precioso; interessava-me principalmente os doc. port. do séc. XIII, e, logo que vão às mãos de V. Ex.^a, peço a graça de me informar⁽¹⁸²⁾.

(181) Vide o que se disse na nota 152, a propósito do desejo manifestado por L. de V. de criar um grande Museu Nacional, aspiração que viu realizada em sua vida. Pena é que ainda hoje o « Museu Etnológico do Doutor Leite de Vasconcelos » não possua a instalação condigna que merece.

(182) Parece tratar-se de quaisquer documentos que tivessem pertencido ao Arquivo da Colegiada de Guimarães, e possivelmente alguém oferecesse a Martins Sarmiento para compra. Em 1862 os mais preciosos documentos deste Arquivo foram transferidos para a Torre do Tombo, mutilando-se assim uma Colecção riquíssima de diplomas dos séc. X ao XV inclusivé, que eram pa-

Agradeço a promessa dos desenhos.

Obtive ultimamente mais alguns objectos para o Museu da Bibl., entre eles um cachorro de metal. Ando farejando mais e tenho esperanças de obter.

Muito estimo que pesque muitas trutas lá por Âncora⁽¹⁸³⁾. Ando com saudades do Minho, e é possível que nestas férias eu lhe vá dar um abraço. Veremos.

Não se esqueça de me dar as suas notícias.

De V. Ex.^a
am.º cr.º obg.º

Lisboa 13-7-89

José Leite

Ex.^{mo} Am.º e S.^{or}

Estou envergonhado por não ter ainda respondido às cartas de V. Ex.^a, mas tenho andado atarefadíssimo, e esta vai mesmo a correr. Peço desculpa a V. Ex.^a.

trimónio da Cidade de Guimarães. Porém, alguns documentos foram sonogados ou desviados da Colegiada, nessa ocasião. Ainda há poucos anos o Arquivo da Universidade de Coimbra, adquiriu alguns desses valiosos documentos que escaparam à recolha do Tombo e se encontravam na mão de quaisquer particulares, sem que se procurasse averiguar com que direito os possuíam! Vide o que se disse sobre este assunto a pág. 37-40, nota 16. do opúsculo de Mário Cardozo intitulado «A propósito do Centenário da Cidade de Guimarães», Guimarães, 1953. E também o trabalho do P.^e Avelino de Jesus da Costa, «Documentos da Colegiada de Guimarães», Separata do vol. III da *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, 1947.

⁽¹⁸³⁾ Martins Sarmento passava habitualmente os meses de Junho e Julho em Briteiros, no Solar da Ponte. Durante Agosto e Setembro, esteve uns anos em Âncora, outros na Póvoa de Varzim ou em Vila do Conde. Nos anos de 1891 e 92 frequentou as termas de Caldelas, e desde 1893 a 97 foi seguidamente, no verão, tomar as águas do Gerez. De Outubro a fins de Maio raro saía de Guimarães. Sobre a sua predilecção pela pesca das trutas vide nota 43.

Estimo que a dúvida do *Cusemeneoeco* ⁽¹⁸⁴⁾ esteja resolvida; mas será talvez bom, quando a ocasião se oferecer, dizer aquilo mesmo que V. Ex.^a diz, para tirar alguma nova dúvida como aquela que me adveio.

Folgo que seja *Brigo*; isto confirma a etim. do Coelho ⁽¹⁸⁵⁾.

O artigo do Coelho a respeito de V. Ex.^a não sai na minha *Revista*, sai na do B. de Figueiredo, e creio que já está a imprimir; ocupa vários números, segundo me este disse ⁽¹⁸⁶⁾.

Agradeço a remessa do desenho; aquilo tem cara de moderno.

Quando eu aí for, combinaremos a ida a Braga. Sem mais por agora; está às ordens de V. Ex.^a.

como am.^o
obg.^o e cr.^o at.^o

Lisboa 14-10-89

José Leite de Vasc.^{los}

(184) A ara ao deus *Cusenemeoeco* foi encontrada em 1841 na propriedade de S. Simão, pertencente à Casa do Corgo, freguesia de Burgães, concelho de S.^{to} Tirso. Esteve muito tempo colocada no jardim da Quinta da Lage, da citada freguesia. Foi oferecida a Martins Sarmiento por António Maria Correia de Abreu, e encontra-se actualmente no Museu da Sociedade Martins Sarmiento. Este monumento epigráfico tem uma larga bibliografia (Vide Mário Cardozo, *Catálogo do Museu da Soc. M. S.*, cit., pág. 26).

(185) Trata-se de outra ara, também pertencente ao Museu da Sociedade Martins Sarmiento, consagrada ao deus *Brigo*, encontrada pelo Dr. José Sampaio na parede de uma casa da freguesia de Delães (Famalicão) e por este oferecida a Sarmiento. Sobre a bibliografia desta lápide vide Mário Cardozo, *Catálogo cit.*, pág. 25. De começo, M. Sarmiento exitava em ler BRICO ou BRIGO. Depois assentou na última forma, tal como Adolfo Coelho, no seu artigo «Nomes de denses lusitânicos» publicado na *Revista Lusitana* (Vide nota 155). Vide também *Correspondência Hübner-Sarmiento*, cit., Índice, s. v. «Brigus».

(186) Vide sobre este assunto as notas 155, 164 e 176.

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or}

Já hoje mandei 8 coisas para o correio, e por isso faço esta a vapor.

Para não demorar mais, mando parte com os desenhos (187). Qualquer dia irão outros. Se eles sugerirem a V. Ex.^a alguma comparação com Citânia ou Sabroso, etc., eu desejava saber.

Peço-lhe que logo que saia o art. na Rev. de Guimarães ma mande (188), porque não recebo esta *Revista*.

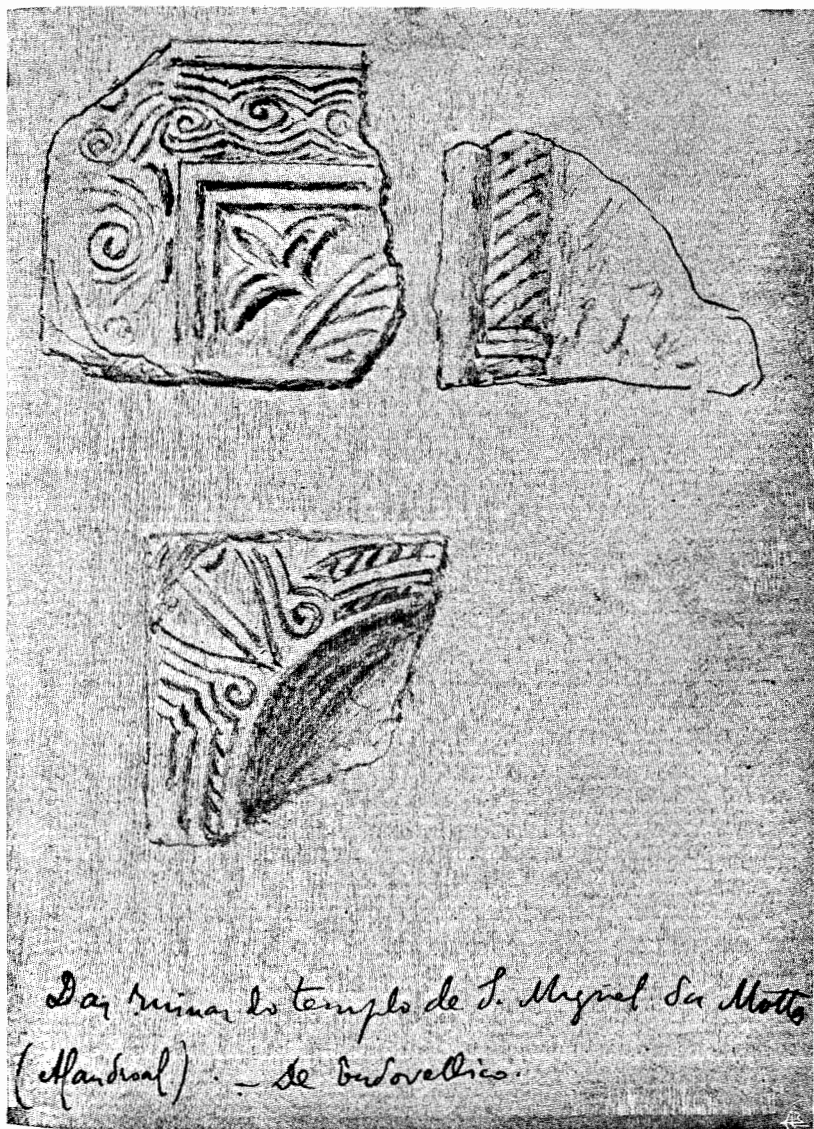
Sou

De V. Ex.^a
am.^o mt.^o obg.^oLisboa
3-6-90José Leite de Vasc.^{los}

(187) Estes desenhos (Vide fig 4), que acompanhavam a carta de L. de V., são bastante bem feitos para os podermos reputar da sua autoria. L. de V. desenhava mal, como se nota dos vários croquis que temos aqui reproduzido acompanhando outras cartas. Pertencem os desenhos desta às ruínas de S. Miguel da Mota, como L. de V. anotou, onde existiu o célebre santuário de ENDOVELICO. Ali se venerava esta divindade, nesse outeiro que fica perto de Terrena, no concelho de Alandroal (Alentejo), onde apareceram numerosas inscrições. L. de V. estudou largamente o culto dedicado a este deus indígena, que ele identificou a *Esculápio* (Vide *Rel da Lusitania*, vol II, págs. 111-146, e vol. III, págs. 195-96; e *C. I. L.*, vol. II e Supl.). O estudo mais recente sobre o deus *Endovellicus* é o de Scarlat Lambrino, «Le dieu lusitanien Endovellicus» inserto no *Bulletin des Etudes portugaises et de l'Institut Français au Portugal*, Coimbra, 1951, t. XV, págs 93-147

Também já na nota 73 destas cartas se fez referência ao deus *Endovético*.

(188) Referia-se à resposta de Martins Sarmento ao artigo que, contra as suas teorias etnogénicas, publicara Adolfo Coelho na *Revista Archeológica*, de Borges de Figueiredo (Vide nota 186). Essa resposta foi publicada numa série de artigos da *Revista de Guimarães*, com começo no vol VII, 1890, págs. 101 ss. O trabalho foi dedicado aos seus amigos Domingos Leite de Castro e Alberto Sampaio, e abria assim: «Por causa dos Lígures, com quem os meus amigos já iam simpatizando, acaba de me dar uma formidável descompostura o Sr Francisco Adolfo Coelho, professor de glótica no Curso Superior de Letras».



Das ruínas do templo de S. Miguel de Motta
(Alandroal) - de burovelicos.

Fig. 4 - Página com desenhos que acompanhava a carta de 3-6-90.

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or}

Remeto outros desenhos do Endovelico (189). Já saiu a sua resposta? (190) Assim que sair, desejava ma mandasse, pois eu não recebo a *Rev. de Guim.^{es}*.

A minha *Rev.*, fasc. 1.^o, vol. II, está já pronta (191). Receberá brevemente (eu também não recebi ainda). O 1.^o fasc. vai adeantado.

V. Ex.^a para onde vai a quando este verão a banhos? (192)

Eu devo girar pelo Norte em Setembro, e então talvez nos vejamos.

Escrevo muito à pressa.

De V. Ex.^a
am.^o obg.^o

Bibl. Nac.

8-7-90

José Leite de Vasc.^{los}

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or}

O bicharoco, como viu do desenho, está quebrado (193). Tem de:

comprido	—————	0,37
alto	—————	0, 185
largo	—————	0, 15

(189) Vide nota 187.

(190) Vide nota 188.

(191) *Revista Lusitana*.

(192) Nesse ano de 1890 Martins Sarmiento passou o verão em Vila do Conde.

(193) E uma escultura de varrão ou javardo, semelhante às que aparecem com frequência no norte de Portugal e Galiza, e especialmente na nossa região transmontana, com penetrações em Espanha, na linha de Zamora, Salamanca e Ávila. Este, que L. de V. cita (vide fig. 5), é procedente do Santuário de *Endovelico*, a que aludimos na nota 187.

Isto com uma diferença de milímetros, pouco mais ou menos. Ao comprimento é possível que lhe faltem uns 0,^m13.

Em grande parte das inscr. achadas na capela lê-se *ex voto* (194); aquelas que não têm a fórmula vê-se bem que o são também. Só numa destas últimas está um porco clarissimamente esculpido (195). Por isso eu concludo que este animal avulso desempenha o mesmo papel que o outro esculpido, e que portanto é uma oferta, que, em verdade, tanto podia ser *ex voto*, como por simples consagração, mas mais provávelmente pelo primeiro motivo. E que podia ser um animal nestas condições? Podia ser o deus, ou um animal de consagração (cf. a águia e Júpiter, etc.), ou um mero animal, mais ou menos banal, de sacrifício ou oferta (símbolo), ou ainda um animal que desempenhasse o mesmo papel que desempenham os porquinhos, cabras, bois, etc., de cera, que hoje se oferecem às imagens cristãs. Em qualquer destes casos, a estatueta de pedra tinha sido oferecida a Endovelico.

Acha alguma coisa de estranho nisto? Espero a sua opinião.

Visto que vai para V.^a do Conde (196), lá lhe irei, se puder, fazer uma visita.

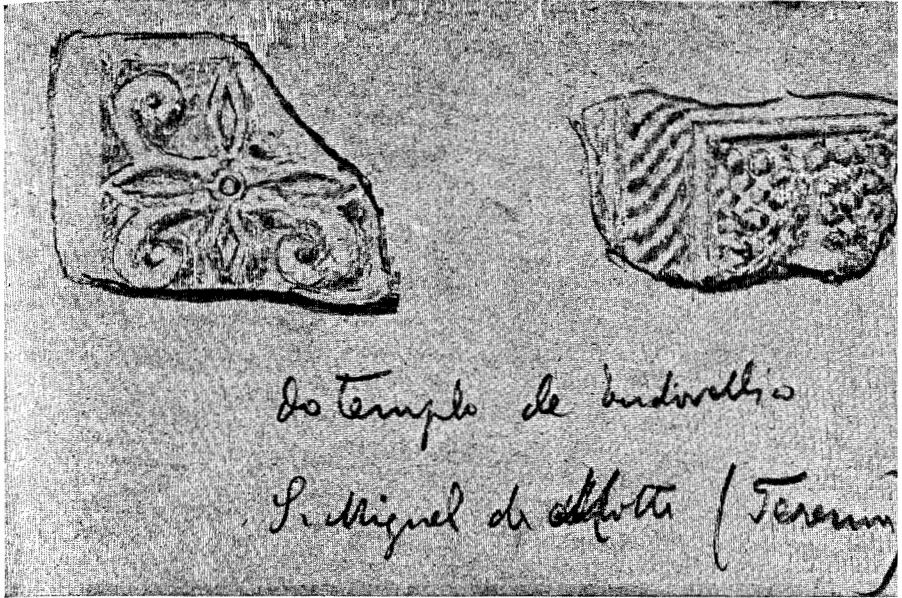
Muito agradeço me remeta logo o n.º do jornal.

O Hübner pediu-me as inscrições do Endovelico para o *Corpus* que está a acabar (o supl.). Eu prometi enviar-lhas até fins de Julho, mas estou atrapalhado, porque me falta o tempo. Em todo o caso hei-de publicá-las primeiro num jornal de cá, e man-

(194) Cf. a bibliografia citada na nota 187.

(195) É a ara dedicada por *M. Fannius Angurinus* a «Endovelico», que, além da respectiva inscrição na face principal, está esculpida nas três restantes faces: na oposta à da inscrição contém a escultura de um javali, e nas laterais respectivamente uma coroa e uma palma (Vide *Rel. da Lus.*, vol. II, figs. 8 e 9, a págs. 126 e 127; e *Scarlat Lambrino, op. cit.* na nota 187, figs. 10, 12 e 13).

(196) Vide nota 192.



do templo de Induvellis

S. Miguel de Alentejo (Terremun)



S. Miguel de Alentejo

dar-lhe a separata⁽¹⁹⁷⁾. Ainda não sei para que jornal me será mais fácil mandá-las.

Às ordens de V. Ex.^a

Lisboa
Bibl. Nac.
16-7-90

am.º mt.º obg.º

José Leite de Vasconcellos

Ex.^{mo} Am.º e S.^{or}

É de duplos parabens a minha carta: pelas suas melhoras (o que é o ponto principal)⁽¹⁹⁸⁾ e pelas suas aquisições.

Muito me alegra principalmente o ter descoberto as duas aras. Com estas duas e com as das Ninfas, a de Amarante⁽¹⁹⁹⁾ e mais alguma que agora me não

(197) Leite de Vasconcelos era muito cuidadoso em não abdicar noutrem a publicação das suas descobertas. Já na carta de 23-8-88 ele se nega a fornecer a Martins Sarmento cópia de umas inscrições inéditas aparecidas em Cárquere, que Sarmento pretendia enviar a Hübner, para este publicar no *Corpus* (Vide nota 145). Sarmento, pelo contrário, era extremamente benévolo a tal respeito: cedia quaisquer informes ou notícias dos seus achados arqueológicos a quem lhos pedia, sem se preocupar com a prioridade da publicação.

(198) Desde Janeiro a Julho desse ano de 1891 que Martins Sarmento esteve gravemente doente com uma crise aguda da gastro-hepatite crónica de que sofria. Foi nesse ano fazer uma primeira cura de águas às termas de Caldelas, perto de Braga. Contudo, ainda em fins de Setembro a «Revista de Guimarães» aludia no seu Boletim à «assustadora e dolorosa enfermidade do Sr. Dr. Sarmento» (Vide *Rev. de Guimarães*, vol. VIII, 1891, pág. 214), e em Novembro do mesmo ano dizia Sarmento em carta ao seu amigo P.^o Martins Capela: «Não resta dúvida que tive uma macacão de respeito, e durou-me desde os princípios de Janeiro até fins de Julho, abrاندando em seguida, mas não me deixando de todo, porque ainda hoje estou um pouco fóra dos eixos. Enfim vamos vivendo neste vale de misérias. Os meus fígados, onde parece residir a causa principal dos meus incómodos precisaram das águas de Caldelas, e para lá irei na primavera, se lá chegar, tanto por conselho dos Esculápios, como pelo desejo de percorrer os arredores, em que não faltam velharias».

(199) Quatro das cinco lápides a que neste passo alude L. de V., todas elas actualmente no Museu da Soc. M. S., são: uma consagrada às *Ninfas*, aparecida em Guimarães, na fossa

lembra, podia V. Ex.^a arranjar-me outro artigo para a *Revista Lusitana*, em que desse a lume as inscrições inéditas, ou corrigisse as já publicadas. Posso contar com ele para quando estiver melhor de saúde ⁽²⁰⁰⁾? E a bibliografia sobre o Hübner?

O nome FVLLO (nominativo, *Fullonis* gen.) existe mesmo em latim corrente, e com ele efectivamente se liga *fullonia* ⁽²⁰¹⁾.

Quando quiser posso dar-lhe umas informações sobre as barras de Baião. Tenho-as numa carteira.

Por minha descoberta deve estar a estas horas no Museu de Elvas uma barrinha metálica com uma inscrição romana. Já vê que eu não colho só para Lisboa. Mas enquanto eu for vivo, posso afiançar-lhe que nada se perde cá, e que tudo é estimado. Não sei se lhe disse que obtive para a Biblioteca a pequena colecção arqueológica do B. de Figueiredo ⁽²⁰²⁾.

Há tempos deram-me uma telha algarvia com uma marca romana; e logo vou buscar também um bocadito de mosaico da mesma provincia.

de um prédio da Rua de D. Luis I; outra às *Ninfas Lupianas*, encontrada no passal da Igreja da freguesia de Tagilde (Guimarães); uma outra dedicada a *Júpiter*, procedente da Quinta de Pascoais (Amarante); outra oferecida ao *Génio Laquiniense*, por um Flavo, pisoeiro (*fullo*). (Vide Mário Cardozo, *Catálogo*, cit., págs. 33, 37, 45 e 51). A quinta lápide não conseguimos identificar.

⁽²⁰⁰⁾ Martins Sarmiento não colaborou na *Revista Lusitana* senão com os dois artigos datados de 1887, a que se alude na nota 127.

⁽²⁰¹⁾ Alusão à lápide atrás citada (nota 199) dedicada por Flavo, «pisoeiro», ao *Génio Laquiniense*. A palavra *fullo, onis* significa o homem que trabalha com o *fulão* ou *pisão*, aparelho de indústria caseira para martelar o tecido da lã, tornando-o mais fechado e compacto. Este processo de apertar o tecido, embebido em água fervente, é semelhante ao do fabrico do feltro, ainda hoje usado em certas povoações serranas de Trás-os-Montes, onde se fabricam os panos chamados «saragoças», de que fazem as *capuchas*, capotes, etc. (Vide também Daremberg & Saglio, *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, s. v. «*Fullonica*»).

⁽²⁰²⁾ Borges de Figueiredo faleceu em Outubro de 1890. L. de V. traçou o seu necrológio numa notícia biográfica lida na sessão de 24 desse mês e ano na Sociedade de Geografia de Lisboa, notícia que depois publicou em folheto sob o título «Borges de Figueiredo e a Arqueologia Portuguesa» (Lisboa, 1890).

Tenho continuado a estudar o meu Endovelico, e alguma luz vou achando. Mas só darei conta no fim de todos os meus estudos, para não andar sempre a corrigir. O peor é o nome! Ainda assim, alguma coisa me dirá ele, mas pouco ⁽²⁰³⁾.

O que eu queria era fazer uma excursão a Panoias, com alguém que soubesse de epigrafia bastante ⁽²⁰⁴⁾. Eu já desafiei o Hübner, mas duvido que ele venha. E V. Ex.^a não se resolverá um dia a ir lá? Eu acompanhava-o, sendo em tempo disponível para mim. É uma pena que a acção atmosférica acabe com aquilo! É a inscrição de sobre o Douro, aquela que é em caracteres desconhecidos?

Admira-me que nunca o Pereira Caldas tenha tentado fundar em Braga um Museu arqueológico. É verdade que Braga lá tem os seus congressos católicos e romarias ao Sameiro ⁽²⁰⁵⁾.

De V. Ex.^a
am.º obg.º

Lisboa
9-IV-91

José Leite de Vasconcellos

⁽²⁰³⁾ Vide L. de V., *Rel. da Lus.*, II, pág. 125 e *Revue Celtique*, XXII (1901) pág. 307 e ss.; e também Lambrino, *op. cit.*, pág. 94, 106, 110-111 Parece que a significação deste nome céltico seria em português « muito bom », semelhante ao *optimus* das inscrições ao Júpiter romano, por exemplo.

⁽²⁰⁴⁾ Sobre o santuário de Panoias, na freguesia de Val de Nogueiras, concelho de Vila Real, vide o que L. de V. escreveu acerca desse notável recinto sagrado, nos vols. II, p. 187 e III, p. 81, 301, 345 ss., 465 ss. das *Religiões da Lusitana*, e a bibliografia completa que aí dá. O assunto, aliás científica e exaustivamente estudado pelo sábio L. de V., foi retomado há anos pelo Sr. Dr. F. Russell Cortez, no seu opúsculo *Panoias cidade dos Lapiteas*, Porto, 1947, que apresenta muito boas fotografuras.

⁽²⁰⁵⁾ 64 anos volvidos após este reparo de L. de V., ainda Braga espera pelo museu de Arqueologia a que indiscutivelmente tem direito uma cidade de tão remotas tradições históricas, e que tamanha importância adquiriu na época romana, como sede que foi de um notável convento jurídico, e em épocas posteriores. Números monumentos epigráficos e outros achados arqueológicos sur-

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or}

Não lhe tenho escrito por o não incomodar. Como porém o Sr. Conde, com quem me tenho informado, me disse que V. Ex.^a está melhor, agora lhe escrevo a dar-lhe as informações que prometi, e a manifestar-lhe o desejo que tenho de que as melhoras progredam.

Na «quinta de Guimarães» em St.^a Marinha do Zézere, c. de Baião, onde por vezes tem aparecido

gem, com notória frequência, tanto na área da cidade como nos seus subúrbios, para logo se dispersarem lamentavelmente na mão de quem primeiro deles se apossa, ou, o que é pior, perdendo-se para sempre. Quer na posse de indivíduos mais ou menos cultos ou ignorantes, quer na de instituições particulares (museu de Arte sacra da Sé, colecção da Escola do Magistério Primário, colecção do Seminário de Santiago, etc.) diversos objectos de indiscutível valor arqueológico se encontram espalhados pela cidade, os quais, reunidos num Museu Regional, formariam já um importante núcleo. Nos terrenos anexos ao edifício da Biblioteca Pública, encontram-se igualmente numerosos marcos miliários, pedras esculpidas, etc. que esperam lugar adequado num museu condigno. Em 28 de Março de 1918, foi pelo decreto 4.011 criado em Braga o «Museu de D. Diogo de Sousa», mas este museu nunca passou de um mito, porque não lhe foram até hoje dadas condições económicas de vida. Por outro lado, em Braga, apesar de ali se poderem contar, em todos os tempos, investigadores de altíssimo valor como (para nos referirmos apenas a épocas recentes) os falecidos P.^o Martins Capela, Dr. Manuel Monteiro, Moura Coutinho, Pereira Caldas e Albano Belino; e, entre os vivos, o Cónego Aguiar Barreiros, o Dr. Alberto Feio e tantos outros — nunca teve um homem que, a exemplo de Martins Sarmiento, Leite de Vasconcelos ou do Abade de Baçal, se consagrasse devotada e inteiramente à criação de um grande Museu local. É verdade que as circunstâncias do meio bracarense não têm sido muito propícias a um marcado interesse pela conservação das suas antiguidades. Em 1905, L. de V. levantou uma campanha no *Arch. Português* em defesa da conservação das muralhas e castelo de Braga, que a Câmara pretendia demolir (Vide vol. X, p. 244 e 375). Intelizmente de pouco valeu a sua voz, pois uma parte da muralha foi então demolida, conforme reza a correspondência de Braga para o «Diário de Notícias», de 17 de Novembro de 1905, com data de 15; «Realizou-se hoje a manifestação de agradecimento e simpatia que a Direcção do Monte Pio de S. José promoveu em honra do Par do Reino Rodrigues de Carvalho, Visconde de Nespereira, governador civil, Dr. Soares, presidente da Câmara, Dr. Artur Soares, administrador do concelho, e Lopes Reis presidente da Comissão de defesa dos interesses de Braga. Tomaram parte na imponente manifestação todas as asso-

antig. rom., como moedas, etc. ⁽²⁰⁶⁾, appareceu em 1881 o seguinte :

1) Uma sepultura de tijolo, constituída por 3 tijolos grandes, de uns 7 palmos de comprimento, servindo de base; a tampa era constituída por tijolos inclinados formando ângulo. Dentro uma caveira que partiram.

2) Um espaço fechado por pedras, tendo dentro vasos de barro. São alguns destes os que mandaram a V. Ex.^a.

Aqui está o que pude colher.

Tenho últimamente andado muito ocupado com vários trabalhos, não tendo saído de Lisboa. Obtivemos, porém, para a Biblioteca uma boa colecção arqueológica do Júdice do Algarve (de que V. Ex.^a deve ter ouvido falar) ⁽²⁰⁷⁾, que a depositou lá: consta de machados, lâmpadas romanas e árabes, louça romana e árabe, uma cabeça bifronte romana, etc.

O Estácio já publicou o 4.^o vol. das *Antig. do Algarve* ⁽²⁰⁸⁾. Ainda não li.

ciações de classe, acompanhadas por quatro bandas de música, e muito povo. Os manifestantes, percorrendo as ruas, aclamavam delirantemente os cavalheiros citados, *chegando ao delirio quando principiou a demolição da muralha*. E Leite de Vasconcelos comentava tal noticia apenas com esta frase desolada: «Em que mãos caiu a tua glória, *Braçara Augusta!*» (Vide *O Arch. Port.* cit., pág. 379).

Recentemente, o actual Presidente da Câmara de Braga, no louvável intuito de enriquecer, e naturalmente reorganizar o pseudo Museu de D. Diogo de Sousa, promoveu escavações, custeadas pelo municipio, no Castro de Santa Marta da Falperra, que alguns frutos parece já terem produzido. Há perto de 60 anos também a Câmara de Braga pensou em criar um Museu Municipal (Vide *O Arch. Port.*, vol. III, pág. 78). Porém nenhuma destas inteligentes tentativas tem vingado até hoje, infelizmente.

⁽²⁰⁶⁾ Vide carta de Outubro de 1883, a págs. 5 deste volume.

⁽²⁰⁷⁾ Joaquim José Júdice dos Santos, arqueólogo e numismata natural do concelho de Lagos e falecido em Lisboa, em 1907. Possui uma valiosa colecção numismática de mais de 18.000 exemplares, e também importantes objectos arqueológicos, muitas vezes citados por Estácio da Veiga nas suas *Antiguidades Mon. do Algarve*.

⁽²⁰⁸⁾ Vide nota 169.

Quando V. Ex.^a puder, queira dar-me as suas notícias. Sou com estima

De V. Ex.^a
am.^o mt.^o obg.^o

Lisboa

13-VI-91

Leite de Vasconcellos

P. S.

Vi há tempos um magnifico anel de ouro, romano, com uma pedra com gravura e inscrição (o melhor que jamais tenho visto), achado há muitos anos no Minho. O dono disse-me que já lhe davam 20 libras! Eu não me atrevi a oferecer nada. Mas se V. Ex.^a se tenta, eu dou-lhe mais informações, ou escrevo ao homem. É realmente uma pena que se perca.

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or} (209)

Não sei se V. Ex.^a tem conhecimento da obra de Hübner, indicada no papel adjunto; se não tem ficando-o agora. Tem um cap. sobre a Citânia, que é reprodução melhorada de um art. que ele em tempo publicara (210).

A V. Ex.^a de certo não custará fazer para a minha *Revista* um art. bibliográfico a propósito desse cap. Posso contar com ele para o n.^o 3? O n.^o 2 está a sair do prelo (211). A demora tem

(209) Carta sem data, mas com certeza de 1891 e posterior à de 13 de Junho deste ano, porque alude aqui a um anel de ouro romano, a que anteriormente já se referira, num *post-scriptum* dessa carta de 13; será por certo de fins de 1891, porque alude também ao Natal e, quase no final, ao «próximo entrudo» e à doença de Estácio da Veiga, que faleceu em Dezembro desse ano.

(210) A obra de Hübner com o capítulo sobre a Citânia de Briteiros está citada nas últimas linhas desta mesma carta.

(211) Martins Sarmiento nunca chegou a publicar esse artigo bibliográfico sobre esta obra de E. Hübner, na *Revista Lusitana*. Já na carta de 9-IV-91 Leite de Vasconcelos insistia com Sarmiento no pedido de uma bibliografia de Hübner.

sido motivada principalmente pela morte de um tipógrafo.

Eu queria pedir mais uma coisa a V. Ex.^a; mas por ora não a posso pedir. Como a Citânia e Sabroso são duas ruínas típicas de um *oppidum* romano e de um *oppidum* pré-romano, era muito conveniente duas descrições minuciosas delas, a fim de se lhes poderem referir as descrições que se fizerem de outros castros que se vão descobrindo (*). E ninguém como V. Ex.^a pode fazer essa descrição ou inventário do que existe. Mas claro está que para a descrição ser mais perfeita se necessitam estampas. Eu desejava a descrição para a *Rev. Lusit.*, mas como não posso dar estampas, é este o motivo por que não faço por ora o pedido⁽²¹²⁾. O G. Pereira⁽²¹³⁾ anda a aprender a gravar em madeira, e logo que ele se julgue habilitado, poderei dar na *Rev.* algumas estampas, ainda que não sejam senão breves, isto é, dos contornos dos objectos, etc. Como então as estampas me ficam de graça, poderei nessa ocasião fazer o pedido a V. Ex.^a. O editor não tira lucros, senão eu propunha-lhe que introduzisse este melhoramento na *Revista*.

Também me lembrei de pedir ao Caldas⁽²¹⁴⁾ um estudo sobre a Brácara romana; mas será ele capaz de fazer coisa de geito? Tenho muito medo

(*) Sobre Sabroso já V. Ex.^a publicou in *Renascença*, mas V. Ex.^a disse-me que não estava contente.

(212) L. de V. insistiu várias vezes com M. Sarmiento para este elaborar uma monografia sobre a Citânia e Sabroso. O artigo aqui citado publicado na *Renascença* Porto, 1879, págs. 118, e ss.) tem o título «Acerca das escavações de Sabroso», e é um dos mais interessantes de Sarmiento. Também Hübner incitou o sábio vimaranense a publicar um trabalho desse género sobre a famosa Citânia, que Sarmiento nunca chegou a escrever. Vide o que a este respeito dizemos na *Bibliografia Sarmentina* (Guimarães, 1927, págs. 12, 13 e 14) e *Correspondência Hübner-Sarmiento*, cit. (pág. 32, nota 2).

(213) Vide nota 151.

(214) Vide nota 45.

às suas divagações, estilo, etc. Ainda que eu lhe mandaria uma espécie de programa. Há outras ruínas de que era interessante fazer descrição demorada, por ex. Condeixa-a-Velha (Conímbriga), de que há tanta coisa.

O Aragão⁽²¹⁵⁾, tem uns brincos semelhantes ao meu, que eu mostrei a V. Ex.^a em V.^a do Conde. Quando V. Ex.^a tiver ocasião, eu desejava um esboço do que V. Ex.^a possui no Museu, para comparar.

E que diz do anel romano do ourives? É uma pena deixá-lo ir⁽²¹⁶⁾.

O Negrão⁽²¹⁷⁾—estive agora lá no Natal—tem aumentado a colecção epigráfica. Tem também um busto de pedra com cara (talvez funerário). Eu no Natal também visitei um castro, que talvez ainda um dia explore, no C. de Baião⁽²¹⁸⁾ onde há muitos. Achei lá um púcaro quase inteiro, mas nada posso dizer sobre o grau de antiguidade. É pouco mais ou menos assim:



Tem por lá alguma coisa com aquela ornamentação? Perto do castro há muita telha romana e mós, segundo o costume.

V. Ex.^a quando é que continua os seus artigos na *Revista de Guimarães* sobre as ruínas que tem explorado? V. Ex.^a não se lembrou de fazer deles

(215) Augusto Carlos Teixeira de Aragão, médico militar e insigne numismata e arqueólogo nascido em Lisboa em 1823 e ali falecido em 1903. Era sócio da Academia das Ciências e uma autoridade especializada em assuntos de numismática, deixando uma obra importante em 3 volumes sobre numismática portuguesa, e diversos trabalhos sobre este e outros assuntos. Pouco antes de falecer vendeu todas as suas colecções de antiguidades.

(216) Vide alusão a este anel no P. S. da carta de 13-VI-91.

(217) Vide nota 133.

(218) Sobre antiguidades descobertas por L. de V. em Baião veja as cartas de Outubro de 1883 e de 20-1-89.

uma edição em separado, para mais facilidade de consulta ⁽²¹⁹⁾.

Eu já lhe falei de um bronzinho que obtive em Leiria, na minha vinda de aí para baixo em Setembro? Também obtive um machado de bronze e outro de pedra. O Aragão obteve agora uma porção de machados de bronze, em Évora, famosos. Mas em Évora já sabem pedir 1.500 rs. por cada machado de pedra! diz-me o Gabriel. Defronte da Figueira há uma terra, aonde fui também em Setembro, que é toda assente na areia e tem as casas firmes em estacas. ⁽²²⁰⁾ Uma verdadeira aldeia lacustre. A areia estragaria as casas, que são de madeira; lá não há pedra nem vegetação alguma. De pescadores. Na Figueira vi a colecção do Rocha. ⁽²²¹⁾ Também estive em Alcobaça, onde visitei as lindas grutas pré-históricas exploradas pelo Natividade, ⁽²²²⁾ que me deu umas 3 facas de sílex. Também no meu passeio

(219) Refere-se à série de artigos sob o título «Materiais para a Arqueologia do Concelho de Guimarães», que Martins Sarmiento publicara na *Revista de Guimarães* nos anos de 1884, 85 e 88, e que só continuou mais tarde, nos anos de 1896, 98 e 99. (Vide M. Sarmiento, *Dispersos*, págs. 191-281).

(220) Refere-se à Costa de Lavos e povoações vizinhas situadas nos areais a sul do Mondego, e constituídas por bairros piscatórios, cujas casas de madeira, denominadas *palheiros*, eram então asseutes em estacaria alta, deslocando-se por baixo delas a areia das dunas impelida pelo vento (Vide Rocha Peixoto, «Os palheiros de litoral», in *Portugalia*, vol. I, págs. 79-96, figs. 1-7).

(221) António dos Santos Rocha, advogado e arqueólogo nascido na Figueira da Foz em 1853, e aí falecido em 1910. Foi o fundador do Museu Arqueológico Municipal da Figueira (hoje Museu Santos Rocha), inaugurado em 6 de Maio de 1894. Quatro anos depois organizou a Soc. Arqueológica da Figueira, que mais tarde passou a denominar-se Soc. Arqueológica Santos Rocha. No «Boletim» desta Soc.^{de} publicou numerosos trabalhos de Arqueologia. Foi um trabalhador e investigador incansável deixando uma obra vastíssima e a todos os títulos notável.

(222) Já na nota 167 se aludiu às Grutas de Alcobaça superiormente exploradas por Manuel Vieira Natividade, que sobre as suas descobertas escreveu um excelente trabalho na *Portugalia*, (vol. I, págs. 433-474). Faleceu este ilustre escritor, arqueólogo e etnógrafo em Alcobaça, de onde era natural, em 1918. Deixou diversos estudos de elevado mérito e elegância literária. Era sócio da Academia das Ciências e de várias outras instituições científicas.

obtive outro machado de pedra e um belo púcaro inteiro, ao que me parece pré-histórico.

O Estácio ouvi que está muito doente no Algarve. Hei-de ir amanhã saber dele a casa. ⁽²²³⁾

Eu só no próximo Entrudo tenciono ir ao Alentejo, ⁽²²⁴⁾ visitar o Museu de Elvas, que tem várias aras e concluir um estudo que tenho começado sobre o culto das águas na Lusitânia, ⁽²²⁵⁾ pois creio ter achado o vestígio moderno de uma divindade lusitana *in situ*.

O título da obra de Hübner é: *Römische Herrschaft in Westeuropa*. Berlin 1890. Sobre a Cítania, 232-268 (o preço deve ser de uns 1.600 rs.). ⁽²²⁶⁾
Por aqui me fico.

De V. E.
am.º cr.º obg.º

7-12-1891

Leite de Vasconcellos

Ex.º Am.º e S.º

Desejo-lhe boas-festas ⁽²²⁷⁾ e a continuação das suas melhoras ⁽²²⁸⁾.

Ando há muito para lhe escrever, mas tenho-me descuidado, em virtude de muitas ocupações em Lisboa. Aproveito agora a minha estada na aldeia ⁽²²⁹⁾ para o fazer.

⁽²²³⁾ Faleceu Estácio da Veiga em 7 de Dezembro de 1891.

⁽²²⁴⁾ Nas cartas transcritas adiante, de 13 de Junho e 10 de Outubro de 1892, L. de V. refere-se aos resultados que obteve nesta excursão ao Alentejo.

⁽²²⁵⁾ Vide *Religiões da Lusitania*, vol. II, págs. 198 a 281 e vol. III, págs. 248 a 262 onde L. de V. estuda largamente o culto e as divindades das águas.

⁽²²⁶⁾ Vide nota 210.

⁽²²⁷⁾ Festas da Páscoa, visto datar esta carta de «6.ª feira Santa».

⁽²²⁸⁾ Vide nota 198.

⁽²²⁹⁾ Escreve de S. Tomé de Covelas, concelho de Baião.

Estou no concelho de Baião, mas retiro na próxima 2.^a feira. Fui ante-ontem com o Negrão ⁽²³⁰⁾, ao Marco, a casa do João de Vasconcelos ⁽²³¹⁾, e de lá seguimos todos três ao Freixo e Tufas ⁽²³²⁾, aonde V. Ex.^a já também foi. Impressionou-me ver tanto trabalho em pedra enigmático, mas gostei das sepulturas no alto de rochedos, para onde se sobe por escadas. Não vi nada de novo. O cipo votivo dos Cernaecos é admirável ⁽²³³⁾. O cipo de Júpiter que V. Ex.^a viu também é interessante.

MSIOV ///
 ⊃MV ////
 - M

Se o corte do 1.^o M é artificial, e não natural, então temos ali um A, mas talvez seja natural, e então poderia acaso ler-se aquilo: M(onumentum) S(acrum); falta assim o nome do dedicante, mas isso não é raro. Disse-me o Vasconcelos que V. Ex.^a leu ANIVS, por causa de certa inscrição em que aparece este nome ⁽²³⁴⁾. O resto não tem dúvida que é IOV[i] O(ptimo) M(aximo) V(otum) L(ibens) [ou Libentes] M(erito). [P. S. Agora me lembro que V. Ex.^a já publicou esta inscr. na *Rev. Lusit.*] ⁽²³⁵⁾.

⁽²³⁰⁾ Vide nota 133.

⁽²³¹⁾ Dr. João de Vasconcelos e Meneses, de Marco de Canaveses, muito dedicado aos estudos arqueológicos e grande amigo de Martins Sarmento. Manteve com este uma larga correspondência epistolar sobre as suas descobertas no Marco, a qual se guarda no Arquivo de Mss. da Soc. M. S.

⁽²³²⁾ Santa Maria do Freixo e Tufas são freguesias do Marco de Canaveses.

⁽²³³⁾ É uma ara consagrada aos *Lares Cernaeci*, que servia de pia de água benta na igreja de Tufas (Marco de Canaveses), e que hoje se encontra no Museu Etnológico (Vide L. de V., *Rel. da Lusitania*, vol. II, pág. 182).

⁽²³⁴⁾ É uma inscrição consagrada ao *Génio Tongobrigense* (Vide *Catálogo do Museu da Soc. M. S.*, cit. pág. 36), procedente de Freixo (Marco de Canaveses) e hoje no Museu da Soc. M. S.

⁽²³⁵⁾ Artigo intitulado «Para o Panteão Lusitano» publicado por M. Sarmento na *Revista Lusitana*, Porto, 1887, vol. I, pág. 227). (Vide nota 127).

O João tem-lhe lá uns púcaros para lhe mandar.

Em casa de um juiz Crispiniano de ali, vi uma bela perna de pedra, muito enfeitada. Mostraram-ma como de estátua, mas não creio que o seja, porque na parte superior da coxa está acabada, não mostrando que foi quebrada, nem podendo articular-se: eu creio que ela será uma *perna votiva*, análoga a uma cabeça que encontrei na escavação do Endovelico ⁽²³⁶⁾. E é, que eu saiba, monumento único em Portugal; nos Museus estrangeiros há muitas. Veja V. Ex.^a se a obtem por meio do Barros ⁽²³⁷⁾. Parece que o tal juiz só a vende, mas não sei se ele a fará valer, porque eu não falei com ele. Também não sei as condições em que ela foi achada. Além disso vi-a ao anoitecer, e de fugida. Ignoro pois a época dela.

Os dois cipos do Freixo e de Tufas, é que era muito preciso obte-los. O vandalismo destrói tudo. Um marco miliário que havia no Freixo já andou. A minha regra agora é deitar logo a mão ao que puder; não confio na vigilância das Juntas de Paróquia. O cipo dos Cerenaeos é magnífico em todos os sentidos.

Em Lisboa obtive há dias três coisas muito bonitas, achadas em Condeixa-a-Velha: duas pedras de anéis com esculturas; um anel de ouro com inscrição, que é ENGRATI ou ENCRATI. Parece-me antes a 1.^a, embora o 2.^o nome venha no *Corpus* do Hübner. Custou-me isto três libras. Já se vai sabendo o nome aos bois.

Qual é o epíteto dos Lares da ara que a V. Ex.^a deram, de Amarante ⁽²³⁸⁾? E qual é o outro epíteto das Ninfas (*Lupianae*?) ⁽²³⁹⁾

⁽²³⁶⁾ Vide nota 187.

⁽²³⁷⁾ José de Barros da Silva Carneiro, do Marco de Canaveses, muito dedicado a Martins Sarmento, com o qual manteve correspondência sobre antiguidades. Guardam-se no Arquivo de Mss. da Soc. M. S. cartas dele para Sarmento datadas de 1883 a 89.

⁽²³⁸⁾ A ara de Amarante não é dedicada aos *Lares* mas sim a Júpiter pelos *Vicani Atucausenses*. Vide nota 172.

⁽²³⁹⁾ Ara consagrada às *Ninfas Lupianas* procedente do passal da Igreja de Tágilde, hoje no Museu da Soc. M. S. Vide notas 173 e 199.

Soube que V. Ex.^a escreveu um artigo sobre um marco miliário de Famalicão ⁽²⁴⁰⁾. Desejaria o jornal. Quando V. Ex.^a publicar alguma coisa em jornal, peço-lhe ma envie sempre.

E a *Ora marítima* quando sai ⁽²⁴¹⁾?

Estou a publicar na *Rev. de Port.* uma série de artigos em que faço um esboço das religiões da Lusitânia pré-romana ⁽²⁴²⁾.

S. Tomé de Covelas, 6.^a feira santa 1892.

De V. Ex.^a am.^o obg.^o

Leite de Vasconcellos

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or}

Senti que estivesse incomodado, mas pela Ex.^{ma} S.^{ra} Condessa soube que já estava restabelecido, com o que folgo.

O artigo que eu destinava, sobre estudo das religiões da Lusitânia, para a *Rev. de Portugal* sai muito grande, e por isso resolvi apresentá-lo ao Congresso em Setembro, para o que o acompanho de muitas estampas ⁽²⁴³⁾. Como há dificuldade em

⁽²⁴⁰⁾ O artigo intitula-se «Marcos miliarios no Concelho de Vila Nova de Famalicão» e foi publicado no jornal *Nova Abo-rada*, de Famalicão (1892, ano 1.^o, n.^o 9, pág. 89).

⁽²⁴¹⁾ A 2.^a ed. dos *Ora Marítima* só foi publicada em 1896. A 1.^a é de 1880. (Vide nota 7).

⁽²⁴²⁾ Não chegou a publicar tais artigos na *Revista de Portugal*, o que aliás se confirma na carta imediata. Naquela Revista dirigida por Eça de Queirós, Luís de Magalhães e Rocha Peixoto, iniciou L. de V. a publicação da Lição inaugural do seu *Curso de Língua portuguesa arcaica* (Vide n.^o 21 do vol. IV pág. 314. Fevereiro de 1892).

⁽²⁴³⁾ Este artigo destinava-o L. de V. ao Congresso Internacional dos Orientalistas, cuja 10.^a sessão devia realizar-se em Lisboa, em Setembro de 1892. Não chegou porém a ter lugar (Vide nota 156) e L. de V. publicou então, nesse ano de 92, um breve resumo intitulado *Sur les religions de Lusitanie*. Era afinal o estudo preliminar e esquemático da sua obra monumental *Religiões da Lusitania*, cujo 1.^o volume foi publicado em 1897, o 2.^o em 1905 e o 3.^o em 1913.

publicar coisas com estampas, aproveito agora a faculdade de eu poder publicar as que quiser. Desejava porém apresentar o maior n.º de factos, e de dar sobretudo estampas inéditas.

Pedia eu a V. Ex.^a o obséquio de me mandar, não tendo nisso dúvida, e podendo, desenhos do que tiver, quer no Museu quer em casa, que veja que me interessa. -Do monumento da Saia ⁽²⁴⁴⁾ tenho um esboço; tenho dos 2 porcos de Sabroso ⁽²⁴⁵⁾; tenho o que sobre a Citânia saiu na *Renascença* ⁽²⁴⁶⁾, *Congrès préhist.* ⁽²⁴⁷⁾ e no seu opúsculo sobre o Hübner ⁽²⁴⁸⁾; também posso obter o que saiu no *Occidente* ⁽²⁴⁹⁾. Agora desejava: das suas estátuas calaicas ⁽²⁵⁰⁾; da vaquinha de Bragança ⁽²⁵¹⁾; do quadrúpede de Baião ⁽²⁵²⁾; de algum dólmen inédito, de que V. Ex.^a tenha cópia; enfim, de algumas impressões religiosas em barro, anéis, figurinhas, símbolos, etc. Eu já se sabe que darei sempre o seu a seu dono, como é meu costume, indicando as fontes das minhas informações. Com os desenhos pedia a V. Ex.^a as indicações dos sítios dos achados, datas, e notícias bibliográficas, etc., correspondentes.

⁽²⁴⁴⁾ Vide notas 75 e 160.

⁽²⁴⁵⁾ É uma cabeça de javardo e o focinho de outro procedentes do Castro de Sabroso (Vide *Catálogo do Museu da Soc. M. S.* cit. pág. 139).

⁽²⁴⁶⁾ Refere-se a dois artigos de M. Sarmiento «Sinais gravados em rochas» publicado em 1878 (Vide nota 12) e «Acerca das escavações de Sabroso», que saiu em 1880 (Vide nota 212).

⁽²⁴⁷⁾ Alude ao estudo *Les Lusitaniens*, que constituiu a Memória apresentada por M. Sarmiento ao Congresso Internacional de Arqueologia e Antropologia Pré-históricas, realizado em Lisboa em 1880 (Vide nota 23).

⁽²⁴⁸⁾ Vide nota 108.

⁽²⁴⁹⁾ Artigo de M. Sarmiento intitulado «Arte pré-romana» (*O Occidente*, Lisboa, vol. II, pág. 157).

⁽²⁵⁰⁾ Vide *Catal. do Museu da S. M. S.*, cit., pág. 146 e 147 e Est. II fig. 1.

⁽²⁵¹⁾ Pequena escultura votiva de bronze, representando uma vaca, achada no Castro de Sacoias (Bragança), e atualmente no Museu da Soc. M. S. (Vide L. de Vasconcelos, *Rel. da Lusitania*, vol. III, pág. 238, fig. 109).

⁽²⁵²⁾ Vide nota 85.

Eu talvez intitule assim o meu trabalho: *Notícia das religiões da Lusitânia*. Com a palavra *Lusitânia* denomino todo o território que assim se denominou em diversas épocas, i. é, o ocidente da Península. E divido em 3 partes: I) *Época pré-histórica* [amuletos e culto dos mortos principalmente]; II) *Época proto-histórica*; III) *Época luso-romana*. Com um *Apêndice* acerca do que desses tempos ficou no Cristianismo e nas trad. pop., através dos Bárbaros e Árabes.

Posso contar com o auxílio, que peço de V. Ex.^a?

Biblioteca N.^{al}

Sou como sempre

18-V-92

De V. Ex.^a

am.^o cr.^o mt.^o obg.^o

P. S.

Leite de Vasconcellos

Esteve há dias aqui o Visconde de Condeixa ⁽²⁵³⁾, que é amador de arqueologia, a quem eu entusiasmei a fazer explorações em Condeixa-a-Velha [Conimbrica]. Ele aceitou e convidou-me para lá ir fazer-las em Setembro. Quero ver se posso ir. Aquele sítio é riquíssimo. Não sei se já lhe disse que há pouco mais de um mês obtive ainda de lá um anel de ouro com uma inscrição, *Engrati* ou *Encrati* (cf. este nome no *C. I. L.*, II). Parece-me que sim ⁽²⁵⁴⁾.

Quando está pronta a sua *Ora marítima* ⁽²⁵⁵⁾? Interessar-me-ia lê-la antes de publicar o meu trabalho. Logo que tenha pronta obsequie-me pois enviando-ma.

⁽²⁵³⁾ Dr. João de Magalhães Colaço Moniz Velasques Sarmento, 2.^o visconde de Condeixa, por título que não foi renovado, concedido por D. Luís I. Era subdito brasileiro, depois naturalizado cidadão português por decreto de 1872. Foi par do Reino e fidalgo da Casa Real. Nasceu em 1839, no Rio de Janeiro, e faleceu em Paris em 1896. Deixou alguns trabalhos literários de mérito.

⁽²⁵⁴⁾ Alude a esta aquisição, feita em Condeixa, na carta anterior. Já em duas cartas de 1891 (vide nota 216) se refere a um outro anel de ouro com inscrição, achado no Minho, pelo qual lhe pediam 20 libras.

⁽²⁵⁵⁾ Vide nota 241.

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or}

Pelo Ex.^{mo} S.^{or} Conde soube que V. Ex.^a anda às trutas ⁽²⁵⁶⁾; por isso vejo que a doença não é de cuidado, e eu felicito-o.

V. Ex.^a escreveu qualquer coisa sobre as *covinhas* no *Tirocínio* ou *Pero Galego* ⁽²⁵⁷⁾, mas ambos estes jornais emprestei-os no Porto, e não mos restituiram. Não poderá V. Ex.^a, caso tenha de memória, dizer-me alguma coisa sobre isso? Isto é:

- 1) em que monumentos aparecem elas;
- 2) se o povo lhes liga alguma ideia;
- 3) em que disposição aparecem: simples *covinhas*; círculos concêntricos, etc. Sendo possível juntar um esboço, melhor;
- 4) em que localidades se acham.

Nada me disse V. Ex.^a acerca da tal fonte santa de Sabroso.

Muito me obsequiava respondendo-me, se for possível, na volta do correio.

Agradeço o seu trabalho acerca dos desenhos.

Estive há dias no Cadaval ⁽²⁵⁸⁾, onde obtive uns machados neolíticos, e uma moeda municipal da Península, que apareceu com telhas, etc., romanas, e por isso fixa uma data.

Os meus cumprimentos a sua Ex.^{ma} Esposa, e sou

Lisboa

3-VI-92

De V. Ex.^a
am.^o mt.^o obg.^o

Leite de Vasconcellos

⁽²⁵⁶⁾ Vide notas 43 e 183.

⁽²⁵⁷⁾ Os artigos que M. Sarmiento publicou no *Jornal de Barcelos* *O Tirocínio* tinham por título «Materiais para a Arqueologia da Comarca de Barcelos», onde, de facto, há uma alusão às *covinhas* (*fossettes*), esculpidas em penedos (Vide *Dispersos* de M. Sarmiento, pág. 161). Os artigos publicados no *Pero Galego*, de Viana do Castelo, intitulavam-se «Materiais para a Arqueologia do Distrito de Viana» (Vide *Dispersos*, cit., pág. 89 e ss.).

⁽²⁵⁸⁾ Vide notas 128, 138, 140 e 142.

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or}

O que desejo é que os ares arcaicos de Sabroso e da Citânia lhe façam bem restabelecendo-o de todo.

Recebi ante-ontem os desenhos ⁽²⁵⁹⁾. Muito obrigado. Estão magnificamente feitos e tanto eles me agradaram que eu tomava ainda a liberdade de pedir mais alguns das sepulturas que têm espirais, e da ara de *Aerno* ⁽²⁶⁰⁾ (que tem uns ramos) e de mais alguma ara que tivesse particularidades. Com os desenhos das sepulturas desejava eu as respectivas notícias dos locais onde elas foram achadas e suas circunstâncias, como desejava o mesmo a respeito das duas estátuas calaicas, da do punhal e da mutilada.

No seu *Relatório* da Estrela ⁽²⁶¹⁾ fala V. Ex.^a de vários monumentos, de que eu pedia informações mais miudas, e vem a ser:

1) «Nas faldas de Sabroso houve um monumento idêntico ao da Saia» ⁽²⁶²⁾. O que resta dele? Fonte, etc.? Isto tem alguma relação com a Fonte de Briteiros, que eu vi com V. Ex.^a, e onde estava o sinal DC?

2) «Próximo de Vermoim há probabilidades de ter existido outro» ⁽²⁶³⁾. O que resta também?

Eu no Natal tenciono ir a Guimarães e então levarei as *Lendas Pias* do Maury, se V. Ex.^a não precisar delas primeiro ⁽²⁶⁴⁾.

⁽²⁵⁹⁾ Refere-se aos desenhos que pedira a Sarmento, na carta de 18-V-92 (Vide notas 250 a 252), para ilustrarem a sua obra em preparação sobre as *Religiões da Lusitania*.

⁽²⁶⁰⁾ Ara do Museu da Soc. M. S. consagrada ao deus *Aernus* encontrada em Castro de Avelãs (Bragança). Vide *Cat. do Museu da Soc. M. S.* cit., pág. 21.

⁽²⁶¹⁾ *Relatório da Expedição Científica à Serra da Estrela, em 1881*, por M. Sarmento (Secção de Arqueologia), Lisboa, 1883. A expedição foi promovida pela Soc. de Geografia de Lisboa (Vide *Bibliografia Sarmentina*, por Mário Cardozo, pág. 28).

⁽²⁶²⁾ Vide Mário Cardoso, *Monumentos Arqueológicos da Sociedade Martins Sarmento*, Guimarães, 1950, pág. 104 e nota 1; «Nova estela funerária do tipo da *Pedra Formosa*», in «*Rev. de Guimarães*», vol. 59, pág. 497; *A última descoberta Arqueológica na Citânia de Briteiros e a interpretação da Pedra Formosa*, Guimarães, 1931, pág. 44 e 52.

⁽²⁶³⁾ Idem, *ibidem*.

⁽²⁶⁴⁾ Alfred Maury, *Essai sur les legendes pieuses du Moyen-âge*, Paris, 1843.

Tenho ultimamente apanhado bastantes machados de pedra: um homem trouxe-me uns 6, em parte quebrados; numa excursão que fiz um destes dominhos a umas grutas pré-históricas, obtive dois no caminho (machado e martelo); domingo passado obtive 4 em Azeltão, sendo um muito bonito, pequeno; ontem, noutra excursão obtive 2 no caminho de Cascais.

Além das explorações que conto fazer em Condeixa, farei mais duas este verão: uma, de umas antas no N. do Alentejo ⁽²⁶⁵⁾, para que me convidaram; outra em Mangualde. Para esta convidou-me o Alberto Osório de Castro, que me disse ter ainda um resto de um dinheiro que a Soc. M. Sarm. lhe mandou e que ele pôs a render ⁽²⁶⁶⁾. Lá lhe irá pois parar a Guimarães talvez mais alguma coisa. Ele disse-me que havia para ver por ali uns dólnenes. Vamos a ver se isto não ficará tudo só em projecto.

Tenho notado que V. Ex.^a é muito desanimado. Eu não me atrevo a dar conselhos, todavia devo dizer que não tem motivos para desânimo. V. Ex.^a deu, como poucos, um grande impulso aos estudos arqueológicos e etnológicos, explicando claramente pela primeira vez com precisão o que eram os castros lusitanos e luso-romanos, à face dos próprios objectos explorados por V. Ex.^a mesmo. Estes gran-

(265) Na carta adeante, de 10 de Outubro de 1892, alude com mais detalhe a esta excursão ao Alentejo. Vide nota 274.

(266) O Dr. Alberto Osório de Castro foi um notável poeta e escritor, natural de Coimbra e falecido em Lisboa em 1946. Foi um jurisconsulto ilustre, e homem de Letras muito erudito. Deixou várias obras em prosa e verso. Foi Ministro da Justiça no Governo de Sidónio Pais. Ainda estudante fundou em Mangualde um jornal de carácter político intitulado «Novo Tempo». Em Setembro de 1889 procedeu a umas escavações arqueológicas no Monte da Senhora do Castelo, em Mangualde, a pedido de M. Sarmiento e a expensas deste, embora a Soc. M. S. figurasse como tendo dado o dinheiro gasto nessas pesquisas, aliás pouco frutuosas. Existe no Museu da Sociedade alguma cerâmica proveniente dessas escavações. Em Janeiro de 1893 a Sociedade proclamou-o seu sócio correspondente, para premiar o cuidado que ele dispensou a esses trabalhos de que se incumbira (Vide *Rev. de Guimarães*, vol. X, 1893, pág. 111). Veja-se um artigo que o Dr. Alberto Osório de Castro publicou a propósito das referidas escavações, no jornal acima citado, do qual ele era o director (N.º 51 de 15-XI-1890).

des merecimentos são-lhe reconhecidos por todos, nacionais e estrangeiros. Se uma vez ou outra há quem julgue menos favoravelmente um trabalho sincero, esses mesmos não deixam, noutra ocasião, de fazer justiça inteira. Com relação à perda diária de monumentos, que V. Ex.^a lamenta, isso também não deve desanima-lo, porque o mesmo sucede em toda a parte. Nos jornais estrangeiros vejo muitas notícias semelhantes. Vamo-nos contentando com o que escapa.

Diz V. Ex.^a que está doente, mas a doenças todos estamos sujeitos, e a de V. Ex.^a não é coisa de gravidade, como V. Ex.^a mesmo vê. E há-de sarar de todo. Se todos, por se acharem doentes uns tempos, fossem a desanimar, estávamos bem arranjados. É preciso ser-se como o varão forte de quem dizia o poeta, que, *si fractus illabatur orbis, impavidum ferient ruinae* ⁽²⁶⁷⁾.

E até outra vez. Sou com toda a estima

Lisboa, 13-VI-92

De V. Ex.^a
am.º mt.º obg.º

Leite de Vasconcellos

Ex.^{mo} Am.º e S.^{or}

Mangualde

18-IX-92

Como em tempo disse a V. Ex.^a, vim efectivamente a Mangualde entre outros fins, com o de continuar a exploração empreendida pela Soc. M. Sarmento ⁽²⁶⁸⁾; facto porém nada estranho no nosso país, os proprietários do local, apesar dos esforços empregados com toda a solicitude pelo nosso amigo Dr. Alberto Osório de Castro, em casa de quem

⁽²⁶⁷⁾ *Horatii Carminum*, Lib. III, od. 3.

⁽²⁶⁸⁾ Vide nota 266.

tenho estado, recusaram-se a deixar dar no terreno deles nem mais uma só cavadela.

Voltamos pois as nossas vistas para outras antiguidades luso-romanas; depois de algumas pesquisas pouco frutuosas, fomos ter ao castro do *Castelo de N. S.^a do Bom Sucesso*, junto das Chãs de Tavares⁽²⁶⁹⁾, onde durante dois dias trouxemos homens a trabalhar por conta da Sociedade, como o Dr. Alberto exporá a V. Ex.^a; descobriram-se algumas casas e muitos fragmentos de louça, alguns ornamentados. A princípio não achei nada romano; depois, porém, achei 4 fragmentos de telha de rebordo.

Tudo isto, com outras coisas, vai encaixotado para Guimarães. Peço a V. Ex.^a que mande conservar tudo no estado em que vai (escrevendo neste sentido para Guimarães), sem deslocarem nada, porque, como eu tenciono ir passar as férias do Natal àquela cidade, lá disporei, de acordo com V. Ex.^a, as coisas que vão, e darei as explicações precisas.

Vai tudo quanto se desenterrou, excepto uns caquitos ornamentados e duas rodela furadas (as chamadas fusáiolas)⁽²⁷⁰⁾ e duas hastes metálicas (um prego e outra coisa parecida) que eu levarei quando aí for, não só por ser mais certo o portador, mas porque desejo comparar *de visu* os ornatos com outros que estão em Lisboa.

Na minha vinda não perdi o meu tempo. Além da linguagem que colhi, observei quanto isto está repleto de vestígios arcaicos: ele é o penedo cheio de covinhas; ele a bela telha de rebordo que aparece a cada canto; ele o castro alcantilado sobre ribeiro; ele as antas pré-históricas e o machado polido. Cansei as pernas e rompi as solas a andar. A pena foi não poder levar tudo para um museu.

(269) Procedente de Chã de Tavares (Mangualde) existe alguma cerâmica no Museu da Soc. M. Sarmento.

(270) Leite de Vasconcelos condenou, como barbarismo inútil, a designação de *fusdiola*, termo de origem italiana, sinónimo da designação bem portuguesa de *cossoiro* (Vide L. de V., « *Analecta archaeologica* » in *O Arch. Port.*, vol. VIII, pág. 168).

À vista falaremos mais de espaço. Hoje parto para Guarda, Castelo Branco, Covilhã, Alentejo, etc. Espero as notícias de V. Ex.^a em Lisboa, onde devo estar no dia 3 de Outubro.

Os meus cumprimentos à Ex.^{ma} Esposa de V. Ex.^a.

Sou com toda a estima
am.^o obg.^o

Leite de Vasconcellos

Ex.^{mo} Am.^o S.^{or} (271)

Deve ter recebido uma carta que lhe escrevi de Mangualde, dando conta das explorações que com o Dr. Alberto fiz sob os auspícios da Soc. M. Sarmiento, isto é, as explorações de parte do castro de Tavares, da S.^a do Castelo, umas escavações nos arredores da vila e uma excursão arqueológica a Santar. O caixote há-de já estar aí com os resultados. Os caquitos que lhe disse que eu trouxe leva-los-ei para aí no Natal. Peço o favor de recomendar que conservem no mesmo estado o caixote até eu ir. (272) Por minha conta explorei duas antas e fui ao Fundão, fazendo a travessia da Beira-Baixa: as antas renderam-me uns instrumentos e cacos, e uma delas um objecto exquisito de pedra. No Fundão obtive duas aras, uma consagrada a uma divindade romana, outra consagrada a uma divindade indígena, talvez TREBARVNA ou TAEBARVNA, pois uma das letras não se lê bem; as aras creio virem já no caminho, e logo que cheguem, espero estudá-las. Tenho alguns motivos para supor que poderei entender o sentido da deusa; todavia, como não gosto de juízos no ar, só mais tarde direi o que se me

(271) É um bilhete postal sem data. Mas, pelo carimbo do correio, vê-se que foi expedido de Lisboa em 10 de Outubro de 1892.

(272) Vide as cartas imediatamente anteriores, de 13 de Junho e 18 de Setembro de 1892.

oferece, depois de maior exame ⁽²⁷³⁾. Fui ao Alentejo ⁽²⁷⁴⁾ a convite de um meu amigo o delegado de Ponte de Sor, que está quase tão entusiasmado como eu. Visitamos 18 antas, e exploramos 6 por conta dele. Uma delas era um museu. Ele deu-me alguns objectos. Estive fora de Lisboa uns 34 dias: só descansi 2 dias! Tive um grande trabalho, mas aproveitei. Neste correio remeto-lhe 3 opúsculos. Espero as suas notícias.

Am.º obg.º

Leite de Vasconcellos

Ex.º Am.º e S.ºr

Não lhe tenho escrito por não saber onde estava. Ultimamente, pelo opúsculo que teve a bondade de me enviar, e que agradeço, é que vi que estava em Guimarães. Também deve ter recebido um opúsculo meu que lhe enviei por intermédio do menino Henrique ⁽²⁷⁵⁾. Chama-se ele *Curso de ling. portug. arcaica* (lição inaugural) ⁽²⁷⁶⁾.

⁽²⁷³⁾ Esta ara, aparecida no Fundão e consagrada à deusa *Trebaruna* encontra-se no Museu Etnológico de Lisboa. No Museu da Soc. M. S. existe uma cópia. (Vide *Catálogo* cit. pág. 31). Parece ser proveniente da antiga *Igeditânia* = Idanha-a-Velha). Vide L. de V., *Religiões da Lusitânia*, II, pág. 295 e 299 a 302. Esta inscrição possui uma larga bibliografia. Vide também *Corresp. inédita entre Hübner e Sarmiento*, anotada por M. Cardoso, Guimarães, 1947, pág. 211, nota 5.

⁽²⁷⁴⁾ Vide nota 265.

⁽²⁷⁵⁾ Deve referir-se ao Dr. Henrique Cardoso de Macedo Martins de Meneses, que faleceu 2.º Conde de Margaride, em 1933, tendo nascido na Casa do Carmo, em Guimarães, em 1868. O tratamento de «menino» seria talvez uma simples expressão amigável, visto que ele tinha já, nessa data, 25 anos.

⁽²⁷⁶⁾ *Curso de Lingua Portuguesa Arcaica. Lição inaugural*, por J. Leite de Vasconcellos, Professor na Biblioteca Nacional de Lisboa. Porto, 1893. 34 págs.

A 1.ª parte deste trabalho já anteriormente tinha sido publicada na *Revista de Portugal* (Vide nota 242), e na *Rev. de Coimbra* (n.º 11).

O mês de Setembro estive no Cadaval ⁽²⁷⁷⁾, onde explorei um castro pré-histórico, que me revelou duas civilizações: neolítica, muito bem caracterizada, e cobre (ou bronze), também regularmente caracterizada. Os objectos consistiram em pontas de seta, facas de sílex, machados de pedra, martelo redondo de pedra, raspadores de pedra; muita cerâmica ornamentada (em fragmentos), pesos ou coisa que o valha, alguns ornamentados, fusáioias, algumas ornamentadas, contas; lanças metálicas, lâminas, facas, um machado liso, pregos, botões, etc.; mós de moinho. Na encosta do castro encontrei grutas funerárias, contendo ossadas humanas e objectos de indústria. No castro havia inúmeros ossos de animais. Creio que foi uma exploração importante, porque este castro deve ser ainda mais antigo do que Sabroso.

Perto dele há outro castro que não explorei ainda.

No mesmo concelho, noutro ponto, encontrei uma ara romana numa estrumeira. Ainda a não pude decifrar.

No mês de Agosto estive uns dias no Alentejo, onde explorei umas antas; uma delas ministrou um grande pecúlio neolítico e ossos humanos; a outra deu restos humanos e pouco mais. Ao mesmo tempo fiz boa colheita etnográfica e linguística. Há lá no Alentejo um rapaz muito entusiasmado, e foi ele quem me convidou. Já no ano passado eu lá tinha estado ⁽²⁷⁸⁾.

Logo que V. Ex.^a possa, obsequiava-me enviando-me uma descrição completa de uma mamoa que lhe pareça típica.

Nas mamoas tem só encontrado *cists* ou antelas? Nunca encontrou antas? E tem encontrado antas com vestígio de terem tido mamoas?

(277) Apesar da má impressão que por várias vezes L. de V. manifestou, nas suas cartas a Sarmento, sobre a sua permanência no Cadaval como Delegado de Saúde (Vide notas 128, 138, 140 e 142), não deixou contudo de voltar novamente a essa terra, à procura de antiguidades (Vide nota 258).

(278) Vide notas 265 e 274.

Segundo leio no Estácio, no Algarve as mamoas cobrem pequenas antas.

Muito me obsequiava respondendo-me a isto tudo.

Também desejava saber várias coisas sobre Sabroso, mas como eu vou passar aí as férias do Natal, lá as saberei.

Sou com toda a estima

De V. Ex.^a

am.^o obg.^o

L.^a 21-X-93

Leite de Vasconcellos

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or}

Agradeço as informações que me dá acerca das *mamoas*, as quais aproveitarei competentemente. Nas antas que tenho visto por cá não tenho encontrado mamoas. Em galego também se diz *mámoa*.

Com relação à hipótese que V. Ex.^a e outros admitem de não separar a pedra polida do bronze, como V. Ex.^a mesmo é quem lhe chama *heresia*, não deverá estranhar que eu vá indo por ora com os ortodoxos, e com o que eu mesmo tenho observado. De facto mal posso denominar metálica uma civilização, por exemplo, como a da Figueira da Foz (trabalhos do Rocha), a de Belas (trabalhos de C. Ribeiro), a de Liceia (id.), etc., onde não apareceu um só objecto metálico, tendo pelo contrário aparecido os da pedra com muita profusão e variedade.

Sem tempo para mais, sou com toda a estima

am.^o m.^{to} obgd.^o e
affect.^o

Lisboa

26.X.93

Leite de Vasconcellos

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or}

Indo por acaso a um dos arquivos da Inspeção Geral, encontrei lá, sobrescritado para V. Ex.^a, o vol. do *Compte-rendu* do Congresso de Paris (279), que decerto está lá há muitos meses, por desleixo do respectivo empregado. A fim de o não demorar mais, passei um recibo em nome de V. Ex.^a, e hoje lho envio registado.

Aproveito a ocasião para lhe dar uma novidade arqueológica: obtive, por compra no Algarve, uma pedra com uma inscrição, nos chamados caracteres ibéricos. Está inteira, e deve ser sepulcral (280). Creio que foi uma bellissima aquisição. Aqui a tenho na Biblioteca, mas é minha, *et amicorum*.

Também obtive uns amuletos (?) constituídos por um fragmento craneano e dois dentes de *canis* furados, provindos de uma anta neolítica do Alentejo. O fragmento craneano é mais ou menos arredondado, e tem o começo de um orificio feito artificialmente. Suponho ser uma das tais *rodellas cranianas* estudadas por Broca. O osso do crânio a que ele pertence é um dos parietais.

Igualmente obtive um *fascinus* romano, achado creio que junto do Tâmega (isto de cabeça), e análogo a um que publicou o Borges de Figueiredo no 1.^o vol. da *Rev. Arch.* (281).

E ando em cata de outras antiguidades.

(279) *Compte-rendu de la 10.^{ème} Session à Paris, du Congrès Int. d'Anthrop. et d'Archéol. préhistorique*, Paris, 1891.

(280) Das inscrições chamadas «ibéricas», do Sul de Portugal, creio existirem actualmente umas 20 no Museu Etnológico de Lisboa, uma outra no Museu de Faro, uma no de Lagos, uma no de Alcácer-do-Sal, uma no de Beja e uma no museu da Figueira. Falta-nos um estudo de conjunto destes importantes textos epigráficos encontrados no nosso país. Num dólmen de Chã das Arcas, em Carrazeda do Alvão (V.^a Pouca de Aguiar) appareceu também, em 1899, uma pedra amuleto, contendo gravada uma inscrição deste género, que actualmente se encontra no Museu do Instituto de Antropologia, da Univ. do Porto (Vide *Portugalia*, vol. I, pág. 691 e ss.).

(281) Borges de Figueiredo, «Amuleto romano», in *Rev. Archeologica e Historica*, Lisboa, 1887, vol. I, pág. 70.

Como V. Ex.^a diz que está melhor, veja se para a Primavera se resolve a dar um passeio cá pelo Sul. Se quisesse ir ao Cadaval⁽²⁸²⁾, eu levava-o lá.

No Natal aí me terá. Hei-de fazer por ir, se estiver bom tempo, outra vez à Citânia e Sabroso.

De V. Ex.^a
am.^o obg.^o

Lisboa 21.XI.93.

Leite de Vasconcellos

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or}

Mandei hoje chamar um moldador. Já o incumbi do baixo relevo de Baião, que começa a arranjar no próximo sábado⁽²⁸³⁾.

Com relação à TREBARUNA, a ara tem de alto uns 4 palmos dos meus, que são grandes; e nas outras duas dimensões tem mais de 1 1/2 palmos numa e 1 1/2 noutra. Diz ele que deve gastar uns 4 quintais de gesso. Agora pergunto eu se V. Ex.^a quer efectivamente a ara toda moldada, ficando uma cópia, em tamanho e forma, *exactamente* como o original, ou se quer apenas a frente, apanhando a inscrição⁽²⁸⁴⁾.

Com relação ao *Endovellico*⁽²⁸⁵⁾ há aras de diferentes tamanhos: umas grandes, maiores que a de *Trebaruna*, outras de 2 palmos de alto e menores. As mais curiosas seriam a do porco⁽²⁸⁶⁾ e a do para-

(282) Vide nota 277.

(283) Trata-se do molde de um ex-voto romano aparecido em Baião (Vide nota 150 e fig. 3 de pág. 31), que M. Sarmento pediu a L. de V. e hoje figura no Museu da Soc. M. S. (Vide *Catálogo*, cit., pág. 144).

(284) Modelo em gesso da ara já mencionada na nota 273, o qual figura no Museu da Soc. M. S. (*Catálogo*, cit., pág. 31).

(285) Vide nota 187.

(286) Vide nota 195.

Itico⁽²⁸⁷⁾. Mas aquela é muito grande, muito maior que a de *Trebaruna* em todas as dimensões, sendo necessário moldá-la toda, pois tem todas as 4 faces ocupadas, uma com a inscrição, outra com o porco, outra com uma palma e outra com uma coroa: e neste trabalho gasta-se decerto muito gesso e é difícil o transporte. A do paralítico deve ter pouco mais ou menos o tamanho da de *Trebaruna* (é um paralítico sem a parte superior do corpo e tendo no pedestal uma inscrição em que aparece uma palavra latina ainda não arquivada no Dicionário. A inscrição está ainda inédita, só há-de sair no livro que estou fazendo sobre as Religiões da Lusitânia)⁽²⁸⁸⁾.

Agora diga-me V. Ex.^a se quer algumas destas peças moldadas, ou se quer alguma ara pequena. Destas há-as inteiras, muito bonitas, e pode sem grande dificuldade ir a moldagem completa de uma. Sempre ao dispor de V. Ex.^a como

Lisboa
27.XI.93

am.º obg.º

Leite de Vasconcellos

P. S.

Esta carta está feita há uns poucos de dias, mas perdi-a entre a minha papelada, e só hoje a achei.

Já hoje andou cá o modelador e um moço a arranjamem o baixo-relevo de Baião. Quanto às outras duas peças, espero a resposta de V. Ex.^a. O G. Pereira⁽²⁸⁹⁾ diz que também lhe parece que da *Trebaruna* basta a frente, e que será preferível o paralítico à ara do porco, por esta ser muito grande (ainda que o paralítico não é pequeno). V. Ex.^a dirá se quer este ou outra ara menor. E espero também a resposta da *Trebaruna*.

⁽²⁸⁷⁾ Modelo em gesso que existe no Museu da Soc. M. S. de um ex-voto procedente do santuário de *Endovelico*, chamado «do paralítico», por ter esculpida uma figura com uma perna mais curta, parecendo a dum hemiplégico (Vide *Catálogo do Museu da Soc. M. S.*, cit., pág. 30).

⁽²⁸⁸⁾ Vide L. de V., *Rel. da Lusitânia*, II, pág. 128-129.

⁽²⁸⁹⁾ Vide nota 151.

Já depois que lhe escrevi obtive para o Museu da Biblioteca ⁽²⁹⁰⁾ os seguintes objectos: uma bela ânfora romana, de quase 1^m de alto (com tampa); 5 figurinhas de bronze ou cobre; facas e pontas de sílex; machados de pedra, e 1, chato, de cobre ou bronze; uns barros (púcaro, lucernas, etc.). Vê que não esfrio.

Lisboa, 2.XII.93

Leite.

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or}.

Ora enfim, vou-lhe escrever. Tenho umas poucas de notícias para lhe dar, mas não tenho tido tempo.

Primeiro vou àquilo de que me incumbiu. Ainda ontem falei com o modelador de gesso; ele é muito ocupado, e ainda não prosseguiu no trabalho, mas prometeu-me que amanhã, 2.^a feira, continuava ⁽²⁹¹⁾.

Na Bibl. N.^{al} há o Grutero ⁽²⁹²⁾. Ele não tem as inscrições geograficamente, mas por assuntos. É em 4 vols. Não encontrei lá marco miliário nenhum, a não ser o que vai no papel junto ⁽²⁹³⁾, que se referisse à Tarraconense portuguesa. Será isto o que deseja? Se tem indicação de página, será melhor mandar-ma.

Agora as novidades.

Quando vim de aí estive em Braga. O Pereira Caldas saiu-me o maior desavergonhado que eu podia imaginar. Procurei-o assim que cheguei, e recebeu-me com muito agrado, dizendo-me que até se zangava se eu fosse a Braga e o não procurasse.

⁽²⁹⁰⁾ Vide nota 152.

⁽²⁹¹⁾ Vide notas 283, 284 e 287 que se referem aos modelos em gesso que Sarmiento pedira a L. de V.

⁽²⁹²⁾ Jan Gruter, sábio humanista e antiquário de origem holandesa (1560-1627). A sua obra capital e que maior renome lhe deu foi o *Thesaurus inscriptionum*, Heidelberg, 1601.

⁽²⁹³⁾ Não se encontra na colecção de autógrafos o papel a que se alude aqui.

Bem. Combinamos ir no dia seguinte dar um passeio arqueológico pela cidade para vermos as inscrições, e sobretudo a do Quintal do Ídolo. À hora marcada apareci, e veio dizer-me a creada que «o Sr. Dr. tinha recebido uma carta de Fafe (!) para ir para lá a toda a pressa de manhã cedo», uma manhã de geadas, frigidíssima, ele que na véspera se me tinha queixado de reumatismo apanhado no cerco do Porto!! Que sujeitinho ⁽²⁹⁴⁾!

Dei, sem embargo o meu passeio, com pessoa que eu conhecia em Braga. Creio ter lido as inscrições do Quintal do Ídolo. Parte é clara, e essa vem no Hübner. Parte falta lá absolutamente que é (cito de memória): CELICVS FECIT. A outra parte vem errada no Argote e no Hübner, é, segundo creio (o nome do deus em dativo) PONGOENABIAGO.

É curioso que, sendo este um deus da fonte, haja uma deusa e rio com o nome de NABIA (*). Evidentemente o final é um sufixo *-ago=-acos*. Talvez o nome se decomponha em *Pongoe-nabi-ago*. É um nome interessante. Quando receber o molde em gesso me dirá se concorda com esta leitura (**) ⁽²⁹⁵⁾.

(*) E cf. *Nabão*?

(**) A inscrição tem outras letras, que não li bem, mas que suponho modernas.

⁽²⁹⁴⁾ Ao arqueólogo Pereira Caldas (vide nota 45), que exercia em Braga, onde era Prof. do Liceu, a sua actividade de investigador apaixonado das antiguidades nacionais, não agradava que um concorrente da categoria de L. de V. pesquisasse velharias na área onde ele pontificava. Daqui a cena cómica que L. de V. descreve com tão vivas cores.

⁽²⁹⁵⁾ Existe, de facto, um molde em gesso, no Museu da Soc. M. S., desta célebre inscrição bracarense existente num quintal próximo do edificio dos correios da cidade de Braga. É um monumento constituído por um penedo esculpido com figuras e inscrição, que se supõe consagrado a uma divindade das águas, visto ali existir uma fonte: é a chamada *Fonte do Ídolo*. O nome da divindade que ali se venerava foi interpretado *Tongoenabiago*. Parece, porém, tratar-se de uma outra divindade, *Nabia*, já conhecida de diversas inscrições. Possui este monumento uma

A outra novidade, muito mais importante do que esta, é que consegui que o Governo comprasse o espólio arqueológico de E. da Veiga. Fui ao Algarve em Janeiro buscá-lo, e já todo ele está debaixo da minha guarda no Museu Etnográfico ⁽²⁹⁶⁾. De modo que só este espólio com o que já havia do chamado Museu do Algarve faz um belo Museu: dezenas de lápides epigráficas, de placas de xisto, estátuas, estatuetas, todas as formas de pré-história (pedra e cobre ou bronze), muita cerâmica romana, árabe, etc. Gostei imenso do Algarve. É um jardim continuado. Estive em Balsa (numa quinta), de onde trouxe parte de uma estatueta, uns lacrimatórios de vidro e uns vasos árabes e romanos. Estive em Milreu, onde se supõe que foi Ossónoba: belos mosaicos há lá, mas quase destruídos. Estive em V.^a Real de S. Ant., e dei um salto à Andaluzia, que fica de frente. Colhi muita linguagem e muitas notas de etnografia moderna, curiosíssimas algumas.

Outra notícia importante tenho para lhe dar. No entrudo fui ao concelho de Óbidos, e descobri o local de *Eburobricio*, porque encontrei uma inscrição em que se lê *iiVIR EBORObRET(iensis) = eburobritiensis*, num local chamado *Aboboriz (Abobriz, Aboriz)*. Este local fica na zona em que Plínio põe este *oppidum*. De modo que nem é em Évora de Alcobaça, nem em Alfeizerão, nem em Pataias,

larga bibliografia (Vide *Cat. da Soc. M. S. cit.*, pág. 32). Leite de Vasc. consagrou-lhe um extenso estudo, nas *Rel. da Lus.*, vol. II, pág. 239-265. Veja-se também sobre esta inscrição o estudo do Dr. Carlos Teixeira intitulado «A Fonte do Ídolo e o Culto de Nabia», na *Rev. Prisma*, Porto, 1938, ano II, pág. 145.

⁽²⁹⁶⁾ Como se vê, em começos de 1894 já estava constituído, com o nome de «Museu Etnográfico», o novo Museu que L. de V. há muito sonhava fundar (vide nota 152). O decreto que criou o Museu com este nome é de 20-12-1893. Quatro anos mais tarde mudou o nome para «Museu Etnológico Português» (Decr. de 26-6-1897). Finalmente, por decreto de 18-3-1929, foi-lhe dada a designação de «Museu Etnológico do Doutor Leite de Vasconcelos».

como se tem suposto. A inscrição oferece outra particularidade importante, que não posso agora referir por falta de tempo ⁽²⁹⁷⁾.

Lisboa 17. II. 94

De V. Ex.^a am.^o obg.^o

Leite de Vasconcellos

(Continua)

⁽²⁹⁷⁾ L. de V. faz referência a esta lápide nas *Rel. da Lus.*, vol. II, pág. 31.